

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
aPErj - RIO 4

SUPLEMENTO CIENTÍFICO nº 2

---

## EDITORIAL

O lançamento desse segundo número do Suplemento Científico da nossa RIO 4, coincide com a mudança de sede. Estaremos agora melhor instalados com possibilidades de começar a dar formação. Ou seja, os nossos compromissos científicos aumentaram.

A participação em Congressos no último mês, me deixou convencido que estamos preparados para essa nova tarefa, e mais, que temos condições se assim desejarmos, de realizar uma produção científica que leva em conta criticamente as propostas atuais na nossa ciência. A nossa trajetória nos indica o caminho.

Com as reverberações ainda da Conferência do Rouanet sobre Psicanálise e Cultura, pensei que podemos responder a seu desafio de um Retorno a Freud. Não só o Freud da clínica privada, mas o do decifrador da Cultura.

Temos uma tarefa gigantesca nessa época de profundas transformações em que somos obrigados a abandonar conceitos que nos acompanharam por toda a vida. A repensar o Mundo com teorias em gestação ou ainda não formuladas.

Só nos resta continuar a luta.

Lindemberg Rocha  
Presidente - RIO 4

**Trabalhos:**

**A invenção de um anjo**

**A mudança do Analista no processo**

**Missa do Galo**

**O Jogador**

**Tensão entre o Subjetivo e o Objetivo  
no Método.**

A análise do caso de Ângela, que relato a seguir, constituiu-se desde os primeiros momentos num desafio, uma vez que foi necessário inventar a cada momento um caminho terapêutico, longe dos caminhos e descaminhos comuns a uma análise. Para a solução singular achada por Angela para se constituir como subjetividade e escapar da solução psicótica, outro percurso singular precisou ser criado no decurso de sua análise para viabilizá-la.

### **A INVENÇÃO DE UM ANJO**

Angela chegou em setembro de 97, com 23 anos. Vinha de uma análise de vários anos com uma analista que sofreu um brutal acidente, que a deixou em coma vários meses. Procurou-me porque meu nome havia sido indicado por essa analista, meses antes, para uma amiga sua.

Nos primeiros meses trabalhamos limitadas pela dúvida em relação ao retorno ou não de sua ex-analista. O tema era quase que só seu luto e sua demanda de que eu fosse quem eu não era: sua ex-analista.

Em maio do ano seguinte confirmou-se a impossibilidade de sua antiga analista voltar a trabalhar: ela ficara com seqüelas.

Ao me procurar Angela era uma moça gorda (rechonchuda), rosto angelical, cabelos curtos e louros e ar apatetado. Vestia-se sem vestígio de vaidade, com roupas cuja função parecia ser a ocultar seu corpo, já em si revestido com uma capa de gordura.

Angela já tinha passado por dois terapeutas e dois psicopedagogos. E também por inúmeros psiquiatras. Estava pesadamente medicada desde os 16 anos. A época em que me procurou tomava seis zolofit, dois rivotril, dois milheril e três frontais por dia. Apresentava já alguma rigidez típica de impregnação medicamentosa. Começou a ser medicada com um ano de idade quando costumava acordar no meio da noite para brincar. Após um eletro que acusou alguma anormalidade, começaram a medicá-la com anticonvulsivos, medicação que se manteve com alguns intervalos até 16 anos.

Aos 16 anos apresentou um quadro depressivo com angústia. Levaram-na a um psiquiatra que a medicou com um antidepressivo leve e indicou terapia. Começou uma análise que durou anos e, paralelamente, fez durante um ano um tratamento com um terapeuta comportamental. Aos 18 anos, fazendo uma faculdade de medicina (que cursou por um ano e meio) desenvolveu idéias paranóides com intensas fantasias de contaminação por Aids, acompanhadas de rituais obsessivo-compulsivos de descontaminação. Nessa época começou um caminho que a levou a diversos psiquiatras, onde cada um prescrevia uma medicação mais pesada, tendo sido diagnosticada como psicótica paranóide com sintomas obsessivo-compulsivos.

O início desse quadro coincide com a saída de casa de seu irmão, recém-formado, seis anos mais velho. Este cortou quase todos os laços com a família, tendo se mudado inicialmente para outra cidade e posteriormente para outro país, a ponto desta não ter sequer seu endereço. Acredito que a saída desse irmão deixou Angela com toda a carga da problemática familiar incidindo sobre ela, o que funcionou como desencadeante de seu quadro.

A mãe trabalha em área de saúde. Tem uma superatividade profissional, saindo de casa às 7horas da manhã e voltando às 11horas da noite. Dá aulas em diversas faculdades, nos mais diversos cantos da cidade e atende clinicamente.

O irmão de Angela nasceu com problemas físicos graves e, segundo Ângela, ela veio atender ao desejo da mãe de ter um bebê saudável que fizesse companhia ao irmão. Foi de fato um lindo bebê e uma linda criança, “parecia um anjo”.

A avó materna de Angela tinha um transtorno bipolar, com diversas internações. Faleceu há meses atrás, já bastante idosa, depois de ficar anos inconsciente, cuidada por enfermeiras, num esquema sustentado pela mãe de Angela.

O pai de Angela apresenta traços fortemente obsessivos e paranóicos, com idéias de controle. Por exemplo, em sua casa nada é jogado fora, e dificilmente entra alguém estranho na casa. Sua casa, por esse motivo, acumula os mais diversos objetos fora de uso, constituindo-se numa casa “diferente”, segundo Ângela. Mantém uma relação persecutória acentuada com vírus e

bactérias. Tem um enfoque patologizante da vida e qualquer coisa nova é, em princípio, ameaçadora e diagnosticável.

Sua mãe, aparentemente bastante submissa ao pai, resolveu sua questão com ele criando uma vida fora de casa e ficando extremamente ausente. Aos poucos Angela foi assumindo as funções de dona de casa e auxiliar do pai: cozinhavam juntos, arrumavam a casa, faziam compras, viam televisão juntos. A mãe, em geral ausente, quando estava em casa a solicitava quase como se ela fosse de fato a companheira do pai e a dona da casa. Também a mãe apresenta traços obsessivos com rituais higiênicos e arrumações compulsivas.

Logo que ficou claro que sua terapeuta anterior não voltaria, após alguma hesitação (chegou a procurar outra terapeuta), Angela resolveu continuar o tratamento comigo.

Nesses primeiros meses com Angela fui desenvolvendo gradualmente uma convicção de que se tratava de um caso de histeria grave e comecei a tratá-la como tal. A hipótese de trabalho que fiz era a de que Angela havia desenvolvido na puberdade, diante do lugar ambíguo que ocupava junto ao pai, uma identificação com os sintomas deste, paranóicos e obsessivos, na fórmula clássica de substituir o ter pelo ser, assim como uma identificação ao desejo do pai. Esse pai operou na verdade em função materna, faltando assim um terceiro que pudesse de fato ocupar a função paterna. Por outro lado, preencheu o desejo desse pai que a queria “doente” sob controle, eterna parceira na qual pudesse ancorar sua falta. A identidade sexual nesse sentido sequer se colocava neste momento, dentro desse quadro em que todos desempenhavam funções truncadas.

Inicialmente Angela reagiu muito mal ao que ela descrevia como “eu não acreditava na sua doença”. Aos poucos, foi ficando claro para nós duas que Angela havia oferecido “sua doença”, como a chamava, ao pai e posteriormente a todos os seus psiquiatras que o representavam. Ela chegava a ler sobre novas doenças e relatava os sintomas para os médicos.

### **A vinda da mãe**

Quando Angela tinha aproximadamente um ano de análise disse-me que no final do mês iria sair. Achava que eu não acreditava nela e na sua “doença” e se sentia desrespeitada por mim. Reafirmei que não a achava psicótica e que só podia trabalhar numa direção que eu acreditasse, apesar de evidentemente eu poder estar errada. Disse-lhe ainda que não era minha intenção desrespeitá-la, e se ela o havia sentido que me desculpassem, mas que eu não podia aceitar o que me parecia uma inverdade, um sintoma: sua “doença”. No último dia do mês Angela telefona antes da sessão me perguntando se pode trazer sua mãe. Digo-lhe que se é isso que ela quer, por mim tudo bem. Aparece a mãe que me fala de Angela como se ela não estivesse presente, relatando sua doença e terminando com a pergunta de **se eu acho que Angela é psicótica**. Digo-lhe que não acredito que seja e que inclusive me parece que parte dos sintomas de Angela teria a ver com um efeito hiatrogênico da medicação excessiva. No final da sessão quando eu me preparava para me despedir de Angela ela me diz que vai continuar.

Parece-me que este momento inaugurou uma nova fase no tratamento de Angela. É como se ela precisasse testar se eu me identificava ou não a dois de seus fantasmas principais: 1) o fantasma do pai: alguém que não pode ficar sem ela (testa se eu suporto, até ao último minuto, a ameaça de abandono), e que por isso precisa controlá-la ( checa se eu aceito que ela determine quem vai à sessão, ao levar a mãe) e 2) o fantasma da mãe: de alguém que não tolera um terceiro na relação (representado, nesse caso, na nossa relação, por sua mãe trazida por ela à sessão), e que propõe assim um lugar de não existência ou de uma existência psicótica.

O que se coloca em cheque nessa sessão para Angela é a sua posição subjetiva de “doente”, posição que atende a um desejo fantasmático da mãe (é bom não esquecer que a avó de Angela é psicótica). Por outro lado, ao lhe dizer que não sei o que ela é, me descrimino da figura paterna que ocupa um lugar de quem tudo sabe. Ou seja, eu, no lugar desse outro a quem ela se remete, não corroboro para ela os seus fantasmas.

Nesta nova etapa do tratamento de Angela começamos a trabalhar a sua necessidade de se apresentar como doente, como uma espécie de “anjo lesado, retardado”, à mercê de quem apareça.

E também a sua dependência emocional da medicação. Por esta época Angela colocava freqüentemente que não sabia o que fazer comigo, chegando a me perguntar o que eu quero dela, pergunta que geralmente eu lhe devolvia, perguntando-lhe sobre o seu próprio querer. O controle obsessivo de seu pai foi nessa época muito trabalhado, assim como sua tentativa de identificação com ele.

Algo importante a assinalar é quanto à dificuldade de Angela falar. Seu pensamento e sua fala eram fragmentados, incompletos, recheados de silêncios, e contradições. Sua memória também estava extremamente prejudicada, inclusive pela medicação, sendo comum ela esquecer o que dizia no meio de uma frase. Em certo momento Angela começou a enviar-me e-mails entre as sessões, onde começava a aparecer um pensamento bem mais encadeado, com um conteúdo emocional articulado e pertinente. Essa comunicação paralela era recuperada na sessão e trabalhada. Eram desabafo emocional, reconstruções de sua história que pareciam não poderem ser feitos em minha presença. A esta altura pareceu-me que a transferência estabelecida comigo ainda era de alguma forma impeditiva, como se ela ainda tivesse medo de que eu a ouvisse falar. O e-mail funcionava como uma espécie de objeto transicional que viabilizava uma comunicação. Era como se ela ainda não pudesse me diferenciar mais plenamente das figuras de pai e mãe, que não a queriam como um sujeito com desejos próprios, com fala.

Aos poucos Angela começa a expressar um desejo de abandonar a medicação, o que ocorre em paralelo à evolução da sua relação de confiança comigo. Inicia, assim, uma gradual retirada dos remédios que dura seis meses. Está a três anos e meio sem medicação alguma.

Durante esse período tive que intervir ativamente junto à mãe já que o pai, com a aquiescência da mãe, tentava se apropriar e comandar essa retirada da medicação. Um dado significativo foi que, a partir da vinda da mãe de Angela ao consultório, ela eventualmente me ligava. Por um lado, era como se ela me pedisse que contivesse sua angústia (1) e, por outro lado, era como se precisasse que lhe desse limites à sua intrusão, e à do pai, na vida de Angela (2). Especialmente, que a ajudasse a criar um contorno, uma fronteira, entre Angela e as suas próprias projeções (3). Essas projeções se expressavam, por exemplo, na pergunta, feita a vários psiquiatras, e que foi feita na sua primeira vinda ao consultório, e que se repetiu mais cinco vezes em telefonemas posteriores: **Angela é psicótica?** Pergunta que só calou quando lhe disse que era a quinta vez que me perguntava isso, e que eu sempre lhe respondera que não acreditava nisso. E que, portanto, eu só podia achar que essa questão da psicose era dela, uma questão para ela pensar, e não de Angela.

Há algo mais de incomum na relação dessa mãe com Angela. Apesar de ganhar seu próprio dinheiro, a mãe não coloca dinheiro algum na casa nem dá nada para Angela, alegando que isso é obrigação do pai. Drena todos os seus recursos para a doença da mãe e para investimentos profissionais (cursos). Esse manejo do dinheiro em relação à filha é a expressão concreta de uma forma de relação onde impera a ausência, o desconhecimento do vínculo de maternidade, exceto quando se impõe o fantasma sobre a suposta psicose de Angela. Parece-me que no decorrer da análise ela consegue começar a olhar sua filha através de uma identificação comigo, resgatando-a parcialmente desse lugar do nada.

É como se Angela não tivesse tido um olhar materno que lhe permitisse construir uma subjetividade fora do eixo da psicose. O pai, que vem ocupar esse vazio materno, a deseja como objeto do seu controle obsessivo. Nesse sentido é como se essa aparência de “anjo oligofrênico”, esse “semblant” de lesada, fosse a resposta possível ao desejo materno e paterno sobre ela. Escapa da psicose  **fingindo que é psicótica**, e escapa do controle  **fingindo que é lesada**. Ou seja, cria uma suplência paterna através desse faz de conta, que lhe permite um espaço de diferenciação. Esse semblant opera como uma máscara ou cobertura que permite, por um lado, atender às demandas de pai e mãe e, ao mesmo tempo, existir e ser um sujeito subjetivado, desde que escondida por detrás da máscara.

Acredito que o vínculo que a mãe de Angela foi estabelecendo comigo, através de telefonemas que ela me dava eventualmente, e que eram inteiramente relatados a Angela e aprovados por esta, me recolocaram como um terceiro simbólico na relação familiar,

desamalgamando a subjetividade de Angela de suas duas mães: a mãe psicotizante e o pai, em função materna, com um controle obsessivo avassalador. Ou, de outra maneira, a transferência passa a atuar também como uma suplência paterna, tendo como vantagem em relação à suplência anterior, a de “anjo lesado”, o fato de a pôr a trabalho, visando a construção e restituição de uma subjetividade e de uma versão própria da sua história. Nesse sentido, gostaria de enfatizar aqui **como o trabalho com essa paciente é pouco interpretativo, se constituindo mais num manejo transferencial das situações apresentadas.**

### **O Processo Regressivo**

Quando Angela começou a análise comigo cursava o primeiro ano de faculdade. Conseguiu se formar o ano passado com boas notas, numa excelente universidade. O último semestre do ano passado, último do curso, e o primeiro semestre desse ano, já formada, foram de intensa angústia. Parecia que o diploma, e posteriormente, o registro no Conselho Profissional funcionaram como um aval externo de que ela realmente não era psicótica. Essa comprovação efetiva, já vislumbrada através da relação clínica, confrontava-a com uma imensa raiva dos pais, mas mais especialmente da mãe. Nesses primeiros meses depois de formada, Angela entrou num processo regressivo acentuado, onde lembranças fragmentadas repletas de ódio em relação à figura dessa mãe eram a tônica. Era uma espécie de monólogo desconexo onde a maioria das vezes só me sobrava o papel de ouvinte/contingente. Sentia então contratransferencialmente a presença de uma angústia do tipo psicótica, pela intensidade do ódio que se apresentava e a fragmentação do eu que se mostrava. É como se ela rememorasse um padrão de relacionamento regressivo com sua mãe e se encontrasse numa encruzilhada ou conflito entre repetir o padrão de anjo lesado ou ir adiante.

De fato parecia que o crescimento simbolizado pela formatura implicava em uma transgressão ao mandato materno de inexistência como ser desejante. A regressão servia a um confronto com essa figura materna que lhe negava a existência e que tinha que ser enfrentada para Angela poder seguir adiante. Para além de ouvir, em alguns momentos, meu papel foi o de conter e estabelecer um limite para essa regressão, quando esta me parecia perigosa e capaz de mantê-la aprisionada ao desejo do outro, em um outro lado da fronteira da neurose. Nesses momentos ela me dizia que “ainda não acabou”( a regressão), quase como se um lado seu, em aliança comigo, observasse sua própria evolução. Certo dia, há alguns meses atrás, ela disse inesperadamente “Adelaide agora acabou com a minha mãe”.

E, de fato, algo acabou, ou seja, alguma escolha básica de não repetir e criar um outro tipo de administração da relação com esse outro, mãe- dessubjetivante, ocorreu. Nesses últimos meses se matriculou em um curso preparatório para um concurso, entrou para uma academia, vem aos poucos emagrecendo e há poucos dias comprou ela mesma, pela primeira vez, uma roupa para ela (quem sempre comprou suas roupas foi o pai), arrastando a mãe para ir com ela. A partir deste “acabou” (podemos supor que acabou esse lugar que ela se sentia obrigada a ocupar no fantasma materno), Angela começa a ter preocupações comuns de uma mulher jovem em termos sexuais: aparência, sexualidade e vislumbra a possibilidade de ter que se confrontar com o seu desejo pelo o outro sexo.

**E, desde esse “acabou” cessaram os e-mails. Agora ela fala na sessão.** Começa a me falar de algumas lembranças infantis ligadas à emergência de sua sexualidade. Começa a falar da dificuldade de acesso ao mundo materno, como se fosse um mundo à parte. Do lugar de homem da casa (mal) exercido pelo pai. Enfim das questões normais de alguém lidando com as vicissitudes de uma trajetória ao encontro de sua dimensão subjetiva e, especificamente, ao encontro da mulher que um dia ela poderá vir a ser.

Maria Adelaide Leonardo  
Psicanalista da aPERj – RIO4

## A mudança do Analista no processo

Sheiva Rocha\*  
Nanci Moura\*  
Ruth Rissin\*

Para abordar um tema que envolve tantas sutilezas e indagações, pensei em começar falando de um filme que trata dessa questão com bastante pertinência. Usaremos então o filme como exemplo clínico.

Como acontece frequentemente, a tradução de: No limite do silêncio, não faz jus ao título original do filme: *The Unsaid*, o não dito.

O filme tem como problemática central o desenrolar de fatos na vida de um psicanalista, Michael Hunter, e sua família, 3 anos após o suicídio do filho, Caio, de 16 anos.

A cena inicial mostra a mãe, o pai e a irmã se despedindo de Caio. A irmã, Shely, vai cantar em um show, e toda a família insiste carinhosamente para que ele vá também. Caio se recusa. Ao voltarem, encontram-no morto na garagem, com um tubo ligando o cano de descarga ao interior do automóvel.

A cena seguinte se passa 3 anos mais tarde.

A família se dispersou. Michael separou-se, abandonou a casa, a clínica, de certa maneira abandonando-se também. Limitando-se a escrever e fazer conferências.

Apesar da situação de clara infelicidade, um certo equilíbrio é percebido, sustentado pelo pacto do “que não é falado”. O abandono da clínica representa ao mesmo tempo: a constatação de limite, punição e defesa.

A história é retomada com uma conferência de Michael. Com o tema: “Outras formas de expressão do sentimento na terapia”, mais uma vez, se enfatiza a questão do não dito. Segundo Michael: “vivemos transformando verdades em mentiras aceitáveis para viver em sociedade”.

Nesse ponto, vemos como é frágil a “proteção” de Michael, que procura um refúgio, sem perceber que este se transforma na arena onde ele expõe seu próprio dilema. Como Freud mostra muito bem:” o recalcado se denuncia em seu disfarce.” O tema da conferência na verdade, retrata justamente a defesa de Michael. Ele vai levando a vida evitando defrontar-se com seus fantasmas, mantendo-os no terreno do não-pensado, do não-dito.

O equilíbrio é quebrado com a chegada do personagem Tommy. Introduzido por uma ex-aluna, Bárbara, que o procura no final da conferência pedindo-lhe ajuda. Tommy é um rapaz prestes a fazer 18 anos que então sairá da casa de custódia. Parece estar bem, mas Bárbara percebe algo, não muito claro, algo de estranho, em suma, algo não dito. Por alguma razão, que não sabe precisar, Bárbara teme essa saída.

Depois de muita relutância, Michael concorda em assistir a um vídeo, de um atendimento de Tommy. Durante a projeção, algo lhe chama a atenção. A maneira como Tommy joga a bola incessantemente de uma mão para a outra, o remete imediatamente a imagens de seu filho fazendo o mesmo movimento, fazendo com que ele se depare com lembranças que nunca se apagaram. Essa atração o aprisionará. Michael aceita então ver Tommy, mas não quer assumir nenhum compromisso, portanto não promete que vai tratá-lo. No primeiro encontro o psicanalista anuncia que veio só para conversar e Tommy responde: “– Ninguém só conversa”. Colocando-o assim no lugar de terapeuta, deixando claro que, mesmo que Michael não queira, já está comprometido.

Tommy denuncia o interesse de Michael, introduzindo assim outro tema: o envolvimento do terapeuta no processo do paciente. Ele aponta para o fato de que agora Michael não pode mais se eximir, ficar de fora. Algo de muito forte o atrai.

---

\* Membros da aPErj-Rio4

Ao sair da entrevista com Tommy, o psicanalista encontra sua filha. Tommy e Shely trocam olhares, mais tarde ela pergunta ao pai se ele ainda tem pacientes. Este responde que não, que é só um garoto, tentando assim neutralizar o impacto desse encontro. Impacto que vai aparecer, quando ele dorme e sonha que está pedindo desculpas ao filho. No dia seguinte, significativamente, resolve fazer a barba, e depois vai ver as fotos de Tommy na época do assassinato. A história relatada pela polícia foi a de que o pai de Tommy havia chegado do trabalho mais cedo e pego a mãe em flagrante com um homem, que fugiu pela janela. O pai espancou-a até a morte. Tommy por sua vez ao chegar encontrou-a morta.

Michael volta a procurar Tommy e tenta conversar sobre os acontecimentos que envolveram a morte da mãe. Ele se nega a falar, dizendo que quer sua liberdade, e que liberdade é não ter que responder a nenhuma pergunta. Deixando claro que sua idéia de liberdade é: não precisar falar, preferindo agir em lugar de sentir ou pensar.

Esse mecanismo fica explícito na cena seguinte: Tommy foge da casa de custódia para ir a uma festa. Lá uma menina o convida para dar uma volta. Os dois saem da festa e uma vez sozinhos, ela tenta agarrá-lo. Tommy fica muito perturbado com o assédio, que o remete a imagem da mãe sedutora. Ele empurra a garota e dá-lhe um soco. Ela morre. Tommy parece executar o ato como se não tivesse consciência do que está fazendo. Ele atua o negado.

Como se nada houvesse acontecido, Tommy volta para a festa, lá ele encontra Shely, a filha do terapeuta. Saem juntos, indo parar na antiga casa da família, lá ela conta a história do suicídio do irmão.

No dia seguinte Michael volta a encontrar Tommy, que mais uma vez foge das perguntas sobre seus pais e agora devolve a pergunta a Michael: “e você, sonha com seu filho?” Utilizando-se assim, da mesma linha defensiva, que consiste em evitar o contato consigo mesmo através do jogo e da manipulação do outro.

Ao se perceber manipulado, Michael descobre que sabe pouco da história do rapaz. Dirige-se então à prisão onde encontra o pai do garoto, que cumpre pena de prisão perpétua. O terapeuta faz perguntas, mas o pai lhe relata a mesma história.

Os contatos entre Michael e seu paciente continuam, intensificando a confusão que Michael faz entre Tommy e o seu filho Caio. Num determinado momento em que Tommy fica agitado quebra tudo e precisa ser contido, Michael o abraça e o chama de Caio. Nesse momento, qualquer processo terapêutico estava inviabilizado. Ocorreu uma identificação maciça que impedia Michael de olhar Tommy.

Com a sensação de estar enlouquecendo Michael volta a falar com o pai do rapaz na prisão e conta que dias após o suicídio de seu filho, descobriu uma carta na qual ele se dizia envergonhado, sujo e com vontade de acabar com a própria vida. Caio teria sido abusado sexualmente por seu analista. Michael conta que foi a casa do analista para matá-lo. Mas antes que ele pudesse atirar, o analista se suicidou. O pai de Tommy então lhe conta que quando chegou a sua casa naquela tarde foi Tommy que correu nú para dentro do armário. Era ele quem estava com a própria mãe na cama.

“O que nos separa” diz Michael “não é a sanidade, e sim a sorte.” As semelhanças formais, idade, aparência, brincadeira da bola, eram apenas um disfarce do não dito, o abuso sexual. A semelhança entre Tommy e Caio é a história de abuso sexual. Enquanto Michael confundia Caio com Tommy, não podia ver suas singularidades.

Embora esse filme não retrate uma relação analítica em um setting de consultório, serve para ilustrar algumas situações que envolvem terapeuta e paciente.

Quanto ao tema da mesa -mudança do analista no processo- devemos definir o tipo de mudança a que nos referimos. Na verdade, todo encontro importante nos modifica, nos enriquece.

Sabemos que na situação analítica a relação que se estabelece é diferenciada, em primeiro lugar porque a pessoa do analista está em suspensão e que a real mudança que tem ocorridos nos analistas são devidas a transformações institucionais e sociais.

Claro que nossos pacientes nos fazem refletir, repensar a técnica e conseqüentemente a teoria. Fazem com que possamos repensar nossas dificuldades de lidar com certos aspectos contra transferenciais, mas isso não significa mudanças em nossas vidas e nem em nós mesmos.

Cabe lembrar que no filme em questão, o analista muda, elabora seu luto, sua culpa, refaz sua vida. Ele muda a partir da relação com seu paciente. Mas como o próprio filme nos mostra, ele, analista, fica ótimo. Já o paciente, acaba preso.

O filme descreve uma relação que se desenvolve entre Michael e Tommy, na qual o terapeuta se locupletou do jovem, para, através dele lembrar, associar e elaborar seus conflitos. Distraiu-se, esqueceu-se e conseqüentemente o abandonou. Podemos dizer que parasitou o inconsciente do paciente.

Enquanto nós e o paciente associarmos livremente, estamos no nível do imaginário, sempre enganoso. O lugar do analista, é o do registro do simbólico, do terceiro que rompe a relação dual, especular e que impõe a fala como algo que cria uma possibilidade de pensar. A interpretação tem a função de instaurar uma fala transformadora. Não estamos o tempo todo interpretando, mas temos que ter parâmetros no nosso trabalho.

Citando Laplanche e Pontalis, a nossa função consiste na investigação dos significados inconscientes das palavras, atos e produções imaginárias através da técnica da associação livre, metabolizando os aspectos inconscientes, dando significado ao não dito e ao não elaborado.

A transferência, como desejo inconsciente do analisando que são re-atualizados com o analista, foi um dos grandes achados de Freud, tendo possibilitado perceber melhor a resistência que ocorria no tratamento. Além de possibilitar uma melhor compreensão do mundo interno do paciente, a elaboração dessa resistência nos aponta o novo, o que não se repete. E é nesse momento que se tem a possibilidade de viver o aqui e o agora de uma nova relação.

Com isso vemos que não podemos lidar com a situação analítica como um lugar familiar, com nossas teorias de forma religiosa nem com nossas histórias como impedimento do novo. Temos que estar atentos ao outro em sua singularidade.

Quando um paciente provoca no analista certas reações, algo da ordem do *Unheimliche*, aspectos do território do não dito, aquilo que Bion chama de elementos beta, é necessário que o analista tenha a capacidade de suportar o espanto, o não saber, de maneira a ser capaz de descobrir o que o está impedindo de pensar, só assim poderá se descolar do entrave contra-transferencial. Para isso é necessário um trabalho psíquico extra que permita voltar-se novamente para o paciente, mantendo a demarcação das individualidades, e com isso, a autonomia para pensar. É frente a esses impasses e resistências da transferência e da contratransferência que surge a possibilidade do novo. O processo analítico consiste na formação desse espaço de subjetividade.

A situação analítica promove a regressão e o amor transferencial, induzindo a idealização. O grave é quando o analista se mistura, aceitando o lugar no qual o paciente o coloca sem se diferenciar dessa projeção, colocando-se no lugar da verdade e de ideais identificatórios. É uma experiência peculiar, pois implica dois sujeitos, num percurso diverso e assimétrico, num setting específico, que propicia a intensificação de mecanismos projetivos. Essa situação já implica o analista no processo. Não temos a ingenuidade de imaginar que possamos falar de um paciente, independente do olhar do analista. A situação analítica não é neutra no sentido de uma pura superfície projetiva. Ela é duplamente ativa, no negativo, pelo que recusa, pelas limitações que implica, mas também particular pela oferta do espaço de liberdade, espaço privilegiado da fala. Essa duplicidade de proposta distingue esse encontro e já demarca situações que serão vividas diferentemente por cada um da dupla. O processo é feito desse encontro. Toda análise está impregnada das diferenças teóricas, individuais, que conseqüentemente levam a diferenças interpretativas. A possibilidade do aqui e agora é o momento criativo que exige do analista se colocar utopicamente suspenso de si, sem memória, sem desejo.. Isso significa suportar estar na vida do paciente apenas como companheiro de viagem. Lidar com o estranhamento e o enigma a cada momento, abrindo mão do discurso teórico em favor daquilo que se está vivendo, no processo de emprestar-se ao outro.

O impasse pertence ao campo da técnica. Atinge tanto o analista como o analisando. A arte do analista é encontrar o equilíbrio entre a posição de observação e participação empreendendo um esforço ativo, na posição de neutralidade, de objetivação e de escuta do paciente que seja o menos

comprometido possível com os próprios valores e dificuldades emocionais não elaboradas. Mantendo o espaço analítico como lugar de intimidade e reflexão.

São diversos os impasses com que nós, os psicanalistas, nos defrontamos no decorrer de nossa prática clínica. Freud viveu inúmeros desses impasses, tendo eles sido responsáveis por vários de seus avanços teóricos. Os impasses vividos pelos analistas não surgem apenas das questões teóricas e clínicas.

As mudanças pelas quais o mundo vem passando transformam nossos pacientes, sua demanda, assim como a imagem da psicanálise, impondo mudanças de nossa parte.

Na época em que a psicanálise foi criada, a organização social era piramidal, estratificada, com base na família. Nesta, o poder de agregação simbólica do pai possibilitava a transmissão dos ideais de cultura, da tradição e dos valores morais. Na versão do Édipo freudiano os ideais internalizados pelo superego, eram ideais de renúncia, onde o trabalho era valorizado por visar o bem familiar e coletivo. Havia uma clara demarcação entre o espaço privado ( íntimo) e o público. As pessoas sofriam por viverem numa sociedade que reprimia a expressão da vida íntima e a satisfação sexual. O Mal-estar era fruto da enorme distância entre os ideais civilizatórios e a satisfação sexual possível.

Com o advento da ciência moderna e do capitalismo, a ordem social passa a ser regida por valores econômicos. A substituição do valor do trabalho pelo valor do capital, afeta a moral burguesa que apregoava a renúncia individual em favor do bem do trabalho, da coletividade e da cultura. A horizontalização da relação do pai com os filhos, o excesso de informação e a velocidade desta tem um efeito de desnorreamento.

Os ideais que precisam de tempo para serem consolidados e oferecerem parâmetros identificatórios atualmente são fluidos, provisórios e locais. Neste mundo é penosa a busca e a construção de um percurso singular.

“ Este prazer instantâneo que pode ter sabor de garantia serve para velar a experiência psíquica da angústia” e portanto do acesso ao desejo. A angústia é o afeto que marca a presença do sujeito no mundo. Mundo enquanto Outro, enquanto aquilo que é exterior e anterior ao sujeito e que ainda assim o determina.. Neste sentido Ehrenberg aponta que uma das exigências feitas ao sujeito contemporâneo, é a de tentar fazer uma correspondência entre o sujeito e ele próprio, levando-o a se encarregar de sua própria autorização, aprendendo a ser ele mesmo (be yourself), com todo peso que isto implica. .

Diante de tantas escolhas os sujeitos se sentem impotentes por não conseguir alcançar algo quando tudo parece possível. O consumo não é apenas de objetos, também se traduz nessa busca, sem fim de modelos ou exemplos que ofereçam receitas de como vencer.

As "receitas" incrementam o sentimento de insuficiência na medida em que difundem a mensagem de que "nossa felicidade depende apenas de nossa competência pessoal", e que poderíamos alcançá-la se nos esforçássemos mais. Diante de tantas promessas da sociedade de consumo e diante de tantas exigências os sujeitos se deprimem. Há na realidade uma experiência demasiadamente intensa de solidão e desamparo que tende a ser emudecida. Nos defrontamos atualmente na nossa clínica, com novas formas de expressão do mal estar psíquico. Estas mudanças culturais deslocaram o eixo da ordem repressiva da época de Freud, para o consumo da transgressão dos nossos dias.

Houve uma distribuição do lugar de autoridade, ou seja, coexistem tantas autoridades que opinam e ditam normas que, dado à quantidade, elas tendem a se cancelar mutuamente. Cabe ao indivíduo escolher entre as diversas autoridades. Sugerindo uma fronteira muito tênue entre autoridade e celebridade, como por exemplo, os médicos se auto-promovendo citando seus pacientes famosos. .

Voltando ao filme, Tommy tem dificuldades de pensar em projetos para quando sair da casa de custódia. Ele representa, na radicalidade, a desconfiança no mundo, que a maioria vive atualmente, parecendo se mover na vida através de mecanismos de velamento da angústia. Ao mesmo tempo, ele representa o paradoxo entre sua enorme dependência muda e o refúgio num certo autismo disfarçado em adaptação.

Não será a contemporaneidade uma cultura que se alimenta de velamentos, engodos e não ditos que servem muito bem aos interesses do mercado? Nesta cultura somos empurrados a um tipo de vida "desumanizante" e "sem sentido" que produz sujeitos com vínculos tênues com outros, confusos, perdidos, opacos para si mesmos, submetidos a um sistema do qual não se dão conta e que, paradoxalmente, apregoa todos os dias a liberdade, a iniciativa, e a emancipação.

Sabemos que as subjetividades são relativas à sua época. A pulsão não mudou, mas o mundo com o qual ela tem que se relacionar sim, mudou e muito. Temos que pensar que efeitos isso produz nos indivíduos, no processo analítico e nos analistas essa exigência de imediatez de resultados. Assim, algumas questões se apresentam: Que efeitos tem a homogenização e a fragilidade dos vínculos na transferência, por exemplo? Como manejar a transferência sabendo que todo tipo de vínculo é hoje em dia permeado pelo espírito do consumismo, que consiste em dispor do outro para seu prazer e gozo, sendo que a qualquer frustração e desprazer esse pode ser descartado?

O que a psicanálise pode oferecer numa época em que a força da palavra está apagada e a atividade simbólica está esvaziada, e onde todos parecem se orientar em direção a novidade?

Numa época onde as relações amorosas e familiares estão tênues, voláteis ou devoradas pelas exigências sociais de "parecer" poderoso, rico e feliz? E quando a arte de esquecer e o "virar rapidamente a página" parece tão indispensável à sobrevivência?

O que, finalmente, nós, psicanalistas temos a oferecer a não ser a psicanálise? O homem busca fugir da angústia, da solidão, da depressão, mas, paradoxalmente, os recursos que lhe são oferecidos colocam-no cada vez mais diante delas.

Indo na contramão do mundo atual, a psicanálise é capaz de trazer um outro tipo de proposta para essas formas contemporâneas do mal-estar.

## **Conclusão**

A subjetividade anteriormente apoiada na interioridade, no espaço mais íntimo de cada um, se deslocou para ser ancorada na exterioridade, no registro do visível e evidentemente da superfície do corpo, no consumo exagerado e na imediatez das sensações.

Diante do enfraquecimento dos ideais identificatórios coletivos e do afrouxamento dos laços simbólicos e afetivos, os indivíduos respondem procurando uma pretensa satisfação imediata no real.

Para nós psicanalistas mais do que nunca é preciso acreditar no saber do inconsciente. Insistir em fazer valer a singularidade do desejo diante dos imperativos culturais de gozo. Esse é o nosso desafio: Saber sustentar o que a psicanálise tem de fundamental até para poder reinventá-la.

O analista pode até mudar durante o processo, mas não é para isso que é contratado e pago, sua mudança não é da mesma ordem do que aquela visada pelo seu paciente. Surgem aqui importantes questões éticas que devem ser discutidas.

## **Bibliografia**

- Freud, Sigmund - O mal estar na civilização  
- Fragmentos da análise de um caso de histeria  
- Estranho  
- Estados de histeria  
- Dinâmica da Transferência
- Bauman, Z - O mal estar da pós-modernidade  
- A modernidade líquida
- Sennet, R - The corrosion of character
- Barros, R.R - Tríptico sobre a depressão (artigo)
- Zucchi, Márcia - A astenia e o desafeto na vida contemporânea (artigo)
- Freyre, Jurandir - Violência (artigo publicado na Folha de São Paulo)
- Laclau, Jaques - Os escritos lecnusis de Freud (livro 1)
- Laplhance, J.Pontalis - Vocabulário da psicanálise
- Etchegoyen - Fundamentos da técnica psicanalítica
- Marchou, P - Para além da transferência (revista brasileira de psicanálise)
- Vollmer, Germano- A intersubjetividade (revista brasileira de psicanálise)
- Eizerick, C - Entre a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade: ainda no lugar para a neutralidade analítica? (revista brasileira de psicanálise)
- Costa, Gley - Contratransferência e intersubjetividade (revista brasileira de psicanálise)
- Nosek, Leopold - O futuro de uma ilusão – um trajeto em direção a subjetividade (revista brasileira de psicanálise)
- Bion, W.R - Conferências brasileiras
- Froimtchuk - Subjetividade e objetividade na prática analítica (revista brasileira de psicanálise)
- Storolow,,R.Orange,D,Atwood,G. - Horizontes do mundo da experiência :uma alternativa pós cartesiana ao inconsciente freudiano. Ver.Brás.Psicanálise-vol35

## Sobre *Missa do Galo*, de Machado de Assis : um encontro entre um rapaz e uma mulher

Ruth Rissin\*

O narrador do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, é Nogueira, um rapaz de dezessete anos de idade que veio ao Rio de Janeiro para o que chama de estudos preparatórios. É de Mangaratiba e está hospedado na casa do escrivão Menezes, viúvo de uma de suas primas e casado em segundas núpcias com Conceição, uma “santa”, que se resigna com uma relação extraconjugal do marido. Este dorme fora de casa uma vez por semana dizendo que vai ao teatro. Vivem na casa, ainda, D. Inácia, mãe de Conceição, e duas escravas.

A história se passa na véspera do Natal, uma daquelas noites em que o escrivão se ausenta de casa. Nogueira iria com um vizinho à missa do galo e combinou acordá-lo à meia-noite. Decide esperar já pronto, na sala da frente, de maneira a sair sem acordar as pessoas da casa. Está lendo um romance, *Os três mosqueteiros*, quando ouve um rumor e passos. É Conceição. Começam a conversar, falam de assuntos variados, o tempo vai passando; a conversa prolonga-se, emendam os assuntos, riem, aproximam-se e falam baixo para não acordarem D. Inácia. Finalmente, invertendo a combinação, o vizinho grita na rua que é hora da missa do galo. Nogueira sai.

No dia seguinte, Conceição está como sempre foi, sem que nada possa lembrar a Nogueira a conversa da noite. No Ano Novo, ele vai para Mangaratiba. Ao retornar, em março, para o Rio de Janeiro, o escrivão havia morrido. Nunca mais encontrou Conceição, sabendo depois que ela se casou com o escrevente do marido.

O conto se inicia de forma significativa : “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta.” O ponto de vista é de Nogueira, esse adolescente que está descobrindo o mundo, se deparando com situações desconhecidas, com o mundo da Corte, com o mundo dos adultos e que vai ter um encontro surpreendente e enigmático com uma mulher, Conceição.

Para ele que veio da roça, é a descoberta desse mundo novo que surge como significação para o título *Missa do Galo*. A referência religiosa é enganosa, sendo outro o interesse de Nogueira pela missa. Diz ele : “eu já devia estar em Mangaratiba, em férias, mas fiquei até o Natal para ver a missa do galo na Corte” (p. 606). E adiante : “aqui [no Rio de Janeiro]há de haver mais luxo e mais gente também”(p. 608).

As falsas pistas criam o caráter enigmático da escrita machadiana. Esse caráter vai se apresentar também para o próprio personagem de Nogueira que, ao longo do texto, vai se deparar com diversas situações que se mostram desconhecidas para ele em sua descoberta do mundo e que ele deverá decifrar. É o que ocorre com relação ao escrivão quando este diz certa noite que irá ao teatro. Estimulado pela curiosidade, o estudante lhe pede para levá-lo com ele. O silêncio de Menezes, os risos das escravas e a careta de D. Inácia fazem-lhe compreender que há algo de estranho, um código novo que precisa decifrar.

O código social com sua distribuição de poderes e papéis vai se evidenciando para o estudante de várias maneiras. Significativa é a distribuição das chaves da casa : “Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria a outra, a terceira ficava em casa.”(*idem*)

A chave de uma casa é o símbolo do poder de dominar a passagem entre a casa e a rua. No conto, a primeira chave pertence ao escrivão, o dono da casa, aquele que possui o domínio da rua. Ao elaborar uma sociologia da nossa identidade, Da Matta utiliza a oposição entre a rua e a casa como um instrumento de análise do mundo social brasileiro. Mostra-nos que “a rua indica basicamente a ação”, é o lugar dos imprevistos, dos acidentes e das paixões” (p. 70) sendo também, mais especificamente neste caso, o lugar do “teatro”, da traição.

[P1] Comentário:

---

\* Psicanalista da aPErj

A segunda chave está provisoriamente com Nogueira. Com sua função intermediária, o estudante efetua o contato entre dois mundos, da roça e da Corte, da infância e da adultidade, da rua e da casa.

“A terceira [chave] ficava na porta”, relata o narrador. Não pertence a ninguém, simplesmente é da casa. Como uma chave imóvel, permanentemente na porta, ela é aberta para deixar alguém entrar, não para sair. Delimita, assim, uma área de trânsito possível para a mulher, definindo-se dessa maneira seu lugar e função, no caso, a permanência na casa, os cuidados do lar.

Embora a condição feminina tenha em grande parte se modificado na atualidade, ainda é muito comum mulheres contemporâneas com a função tácita de cuidar da porta da casa. Os filhos e/ou o marido podem sair sem a chave porque contam com o fato de que a mulher está em casa para que possam entrar.

A casa é o lugar do silêncio, do controle, como aponta Da Matta, e também o lugar da passividade e da obediência(p.71).

A situação de reclusão determina que o mundo fora de casa seja para a mulher burguesa um mundo pouco conhecido, ao qual ela tem pouco acesso. Um dos acessos possíveis é através da fantasia. É o que se observa num fragmento de diálogo entre Nogueira e Conceição. Ele diz:

“- ... [então] a senhora nunca foi à casa de barbeiro...

Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros” (p.610), responde Conceição.

Uma outra forma de contato com o mundo exterior é a literatura:

“- Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

- Justamente: é muito bonito.
- Gosta de romances?
- Gosto.
- Já leu a Moreninha?
- Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.
- Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?”(p.608)

Dentro da casa, há o quarto, onde o silêncio se transforma em insônia. O sofrimento pela relação extraconjugual do marido foi seguido pela resignação: “Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comorça; mas, afinal, resignara-se.”(idem). Sofrimento, silêncio, resignação, insônia.

O episódio a que o narrador se refere no início do conto se passa em outro lugar - a sala de visita, um local intermediário entre a casa e a rua. Da Matta mostra como determinadas peças da casa, tais como a sala de visitas, a varanda e as janelas, são espaços ambíguos, situados entre o mundo interior e exterior, permitindo uma comunicação entre aqueles que estão dentro e os que estão fora (p.71). Barthes, ao estudar o teatro raciniano, mostra que os espaços ambíguos são lugares da espera e a ação que neles se passa tem uma temporalidade peculiar. Nesse teatro onde se desenrolam situações trágicas envolvendo grandes lutas de poder e intensas histórias de paixão, as peças intermediárias - especificamente o vestibulo - estão a meio caminho entre o mundo exterior, lugar da ação, e o quarto, espaço do silêncio, sendo ele o lugar da linguagem, linguagem que marca o limite trágico do herói clássico(p.10). Por não ser o senhor de seus atos, é ela que lhe resta, uma linguagem que o conduz a uma espera.

Embora numa ambiência de menor passionalidade, no conto *Missa do Galo*, também ocorre uma situação de espera instaurando uma temporalidade diferente na qual o pragmatismo fica em segundo plano. É claro que aqui a espera não é, como no teatro de Racine, a expectativa trágica diante dos jogos de poder e da impotência humana mas, sim, uma espera que permite fugir, por um intervalo de tempo, das convenções sociais, que possibilita deixar a vida cotidiana de lado e parar de agir.

As ações no início são pontuais: “A família recolheu-se à hora de costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto.”

E um pouco adiante :

“Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene (...)trepei-me ainda uma vez ao cavalo magro de D’Artagnan e fui-me às aventuras” (p.606).

Mas vai ocorrendo uma transformação e elas ganham duração. O tempo verbal predominante passa do pretérito perfeito para o imperfeito: “Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas” (idem).

É importante observar que essa mudança é deflagrada pela leitura que Nogueira faz de *Os Três Mosqueteiros*, sendo, portanto, a literatura o catalisador dessa transformação que também atua sobre a percepção temporal. Nogueira torna-se incapaz de distinguir a passagem do tempo : “Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso” (idem).

Nesse momento se dá a aparição de Conceição. Nogueira ouve seus passos e a vê, fecha o livro e se inicia a conversa entre eles. Persiste o efeito de duração das ações : “Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns [romances]. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar” (p.608).

Há certamente um ritmo, mas um ritmo lentificado , que faz esquecer a preocupação com a hora e com os compromissos. “A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa”.

São profundas as expressões adverbiais de tempo que além de denotarem a duração possuem um caráter de imprecisão : “Parava algumas vezes examinando”(idem); “Pouco a pouco, tinha-se inclinado”(idem); “De quando em quando reprimia-me”(p.609).

A conversa, portanto, a linguagem, toma a cena principal ocorrendo uma espécie de paralisia que impede as ações : “a idéia (...) da missa , lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo . Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei” (p.610).

O discurso dos personagens abandona o encadeamento lógico característico dos processos secundários aproximando-se da associação livre própria ao tratamento psicanalítico :“continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade e de outras cousas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros” (p.609) .

Toda a cena se passa numa atmosfera especial , proporcionada por uma situação de exceção: uma hora intermediária , um lugar intermediário, um personagem intermediário . Torna-se possível o alívio das convenções sociais, torna-se possível a irrupção do recalcado. E ocorre então a transformação de Conceição.

Inicialmente esta era definida como “a santa”, e aí novamente o religioso encobre um outro significado, no caso, o caráter de resignação : “fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido” (p. 606).

Acompanhamos uma transformação progressiva. De uma sombra, de um vulto :“Um rumor que ouvi dentro veio acordar-me. Eram uns *passos* no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar o **vulto** de Conceição.”(p.606; os grifos são meus) passa a ser um corpo e alguém que é capaz de fazer gestos : “Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos, e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar os grandes olhos despertos” (p.608).

Conceição passa de alguém com “um temperamento moderado, sem extremos, sem grandes lágrimas, nem grandes risos”(p.606),

para alguém capaz de rir, sonhar, de falar de suas reminiscências, adquirindo um passado, uma vida:

“Tal foi o calor de minha palavra que a fez sorrir” (p. 608)

“Riu-se da coincidência”(p.609)

“Conceição parecia estar devaneando”(p. 611).

“Em seguida, referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paqueta” (p.610).

Passa da passividade : “Tudo nela era atenuado e passivo”(p. 606), para a atividade : num dos momentos em que o estudante faz menção de se levantar ela o impede retendo-o :

“- D. conceição, creio que vão sendo horas, e eu ...

- Não, não, ainda e’ cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo.”(p. 608).

Ela ganha sensualidade e todo o seu corpo se faz presente : “Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim”(idem).

“De vez em quando, passava a língua pelos beijos, para umedecê-los”(idem)

Conceição se apresenta, assim, como uma mulher, uma mulher sensual , uma mulher que se revela, ou melhor, que se desvela em contraposição ao velamento, que aparece – no sentido de aparição dentro o vulto. Essa aparição se dá no mesmo compasso do encontro que se realiza entre ela e Nogueira. A aproximação se faz fisicamente e é progressiva.

Inicialmente: “ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé”(p.607).

Depois: “E não saía daquela posição que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras”(p.609).

Um pouco adiante :“Deu a volta à mesa e veio sentar-se do meu lado” (*idem*).

Em seguida foi a vez de Nogueira aproximar-se : “Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé”(idem)

E finalmente : “pôs a mão em meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas”(p.610).

A sensualidade de Conceição se revela na medida em que ela é percebida e reconhecida por Nogueira , isto é, ela resulta desse encontro :

“não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros , e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande”(p.608-9). Nogueira, portanto, a vê com outros olhos, o que alimenta a revelação de Conceição.

A beleza de Conceição aparece : “em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima”(p.610).

Há em Nogueira um encantamento em relação a Conceição , tomando ela consciência de sua sensualidade, do que é capaz de provocar no outro, parecendo saborear essa percepção. “Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que tornou a fechar [os olhos], não sei se apressada ou vagarosamente”(p.609).

Confinada aos limites da casa e às regras de comportamento próprias a uma senhora, Conceição adota a resignação, a conduta austera, a abolição da sensualidade. O contato com o estudante, forasteiro, em uma situação intermediária criou um mundo especial onde o racional foi posto em suspensão, de maneira a permitir a emergência do erótico. Como véus que vão sendo levantados fazendo surgir a sensualidade, a beleza, a fruição do desejo.

Essa aparição só se torna possível pela presença de Nogueira. É ele que a vê, que a descobre, que, através do seu olhar, alimenta esse jogo de sedução e revelação.

É seu olhar embevecido com tudo o que Conceição lhe traz de novo, de diferente, que permite a ela reconhecer-se mulher e saborear esse reconhecimento.

Uma vez despertado da letargia provocada por aquele encontro, Nogueira foi para a igreja assistir à missa do galo. Mas lá “a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez” entre ele e o padre. E , no conto, acrescenta : “fique isso à conta dos meus dezessete anos” (p.611).

Talvez seja próprio aos dezessete anos ter curiosidade, pouca arrogância, atributos necessários à abertura para a alteridade. Só na medida em que se reconhece em condição de falta, sua condição de incompletude, o sujeito pode movimentar-se em direção ao outro, em direção à riqueza da alteridade e estabelecer um jogo de sedução, aproximação, descoberta e encontro .

Isto não é exclusivo nem obrigatório à adolescência, mas a crise peculiar a esse período, assim como outras crises vitais, provoca uma ruptura dos mecanismos habituais de velamento da angústia, colocando o sujeito numa instabilidade que o torna mais permeável à consciência da falta.



## O JOGADOR

Era uma vez uma pessoa  
Quase uma pessoa.  
De certa forma ele mal podia ver  
De certa forma ele mal podia ouvir  
Mal podia pensar  
De certa forma seu corpo  
Era intermitente.  
Ted Hughes, “A Bedtime Story”, Crow  
In: *Objetos Autistas*, cap. VI do livro  
“Barreiras autistas em pacientes neuróticos”  
(Frances Tustin, 1990)

Meu trabalho com C. tem mais ou menos 6 anos. Fui levada a falar sobre ele por questionamentos que freqüentemente me assaltam quanto ao **objeto** do nosso ofício, ou seja, cada paciente e o tipo de ajuda de que cada um carece. Em alguns casos, como o que agora apresento, trata-se de um trabalho de gestação, da fabricação de um espaço psíquico, num mundo interno cujo desenvolvimento se paralisou e ficou atrofiado. O resgate dessa atrofia freqüentemente solicita a intervenção do analista de forma muito mais ampla do que a simples via interpretativa, entrando em questão a “**via di porre**” além da “**via di levare**” habitual.

C. vem atualmente ao meu consultório uma vez por semana. Não se propõe a vir mais, por falta de tempo, já que viaja muito, mas principalmente por falta de possibilidade interna. Acha que não tem assunto para mais de uma vez. E talvez não tenha mesmo.

É um homem de 45 anos que dá aulas por todo o Brasil sobre sua atividade que é ligada a comunicação(!). Gosta muito do seu trabalho, pelo qual é muito apreciado e muito bem remunerado.

Procurou-me por insistência de sua mulher, já que a convivência entre ambos estava se tornando insustentável, para ela. Ocupava todo seu tempo livre com o jogo, indo a corridas de cavalo, bingos e cassinos, por vezes noites a fio. Ao chegar em casa as refeições tinham que ser servidas imediatamente, pois esperar o deixava muito irritado. Quando sentia sono tinha que dormir imediatamente, pois não suportava ser importunado nesses momentos. A atividade sexual era também brusca e violenta, sem preliminares ou qualquer forma de carinho. Todavia, nunca lhe ocorreu que tivesse qualquer problema. Já havia ido a outro analista anteriormente, nas mesmas condições, e não ficou. Nessa época acabara de sair de um emprego excelente porque queria trabalhar por conta própria. Deixou bem claro na entrevista inicial que “tinha que ser um analista que falasse, ficar em silêncio já fica sozinho”.

C. é o mais velho de 4 irmãos, tendo dois irmãos gêmeos 1 ano mais novos, e uma irmã 7 anos mais nova. Os gêmeos apresentaram problemas desde o nascimento, e um deles parece ter algum tipo de lesão cerebral. Sua família tem um nível social muito baixo, tendo seu pai sido um marinheiro que ficava fora de casa praticamente todo o tempo. A mãe ficava em casa com as crianças e dois irmãos dela, os “tios encostados”; não havia conversas e pode-se imaginar que, com tantos problemas maiores, não se preocupasse muito com C. que não dava trabalho. Dela dependia a organização doméstica e também financeira da família: o marido lhe entregava o salário e ela administrava de tal forma que logo tiveram casa própria e aos poucos adquiriram outros imóveis, a ponto de, em dado momento, o marido precisar telefonar para saber para onde deveria ir nas próximas folgas, já que mudavam tanto de endereço. Há lembranças esporádicas da infância, que levam a crer que C. foi um menino quieto, muito inteligente, solitário, sem que ninguém se ocupasse dele, e que só procurava outros meninos quando tinha interesse em jogar bola. Moraram em vários bairros no subúrbio, e também em outros estados.

Por vontade própria C. estudou inglês e alemão, que fala fluentemente. Estudou o secundário numa escola técnica onde fazia os trabalhos de inglês para os colegas que faziam seus trabalhos

técnicos, para os quais não tinha a menor aptidão. Aqui já se coloca a questão da forma extravagante que adota para sua vida: ao invés de ir para um colégio onde desenvolveria suas aptidões naturais, preferiu burlar o sistema, passando três anos em uma espécie de vida dupla e escusa, arriscando-se sempre a ser descoberto. Já era uma espécie de jogo. Da mesma forma, ao invés de estudar de forma habitual, preparou-se para o vestibular fazendo cartazes com recortes de jornais que decorava(!), e assim conseguiu passar para uma universidade particular muito disputada e de ótimo nível, que era a única que desejava. Não se lembra de ter se relacionado com ninguém em todo o tempo de faculdade.

Aos vinte e poucos anos conheceu L. com quem se casou e ficou casado alguns meses, após os quais ela disse que ia embora e ele concordou sem questionar ou procurar saber o motivo, embora diga que gostava muito dela. Voltou a morar na casa da mãe e diz que nunca mais a viu.

Casou-se mais tarde com M. que conheceu já no emprego. Ela é uma mulher autoritária e dominadora e foi quem o conduziu para a análise. Existem muitos conflitos, em especial na área sexual, pois a forma de C. se conduzir sexualmente é intolerável para a mulher, que passou a queixar-se de vaginismo, reduzindo e depois cessando totalmente o relacionamento sexual.

No decorrer do tratamento ficou cada vez mais evidente que C. e sua mulher não tinham qualquer tipo de envolvimento homem-mulher, embora saíssem juntos, viajassem, como uma espécie de amigos. Nas viagens, C. era capaz de passar horas intermináveis jogando, não importando se ganhava ou perdia, e seu interesse por uma cidade se devia ao fato de haver mais ou menos possibilidades de jogo. Tudo isso culminou com a separação do casal. C. tentou reagir da maneira habitual, ignorando o fato por um lado, mas carregando dentro de si uma intensa e ameaçadora fantasia de que agora se tornaria mais um “encostado”, não teria condições de dirigir a própria vida. Foi talvez um momento de virada no tratamento pois pela primeira vez reconheceu fraquezas, medos, e admitiu precisar de mim.

A princípio as sessões obedeciam a uma espécie de ritual estereotipado na qual ele falava superficialmente sobre os fatos que ocorreram durante a semana e em seguida “me dava a palavra” perguntando de forma bonachona qual era a minha opinião sobre os fatos narrados. Sempre muito sorridente e afável, não revelava qualquer frustração ou perturbação pelos problemas conjugais; orgulhava-se de contar seus sucessos profissionais e o “ótimo relacionamento” que tinha com as turmas de alunos, que sempre o distinguiam como melhor professor. Era escolhido para dar aulas a turmas- problema e sempre se saía bem. (“Me pergunte como foi em Goiânia... Ah! Claro que foi maravilhoso.”)

Minhas intervenções eram no sentido de mostrar que ele não parecia sentir falta de uma aproximação maior com ninguém, nem com a esposa nem comigo, porque estava sempre suprido pela admiração dos alunos, e havia ainda o jogo, que podia preencher qualquer lacuna, evitando pensar em coisas desagradáveis... Isso era dito em tom de constatação apenas, e eu procurava falar bastante e estabelecer vínculos entre o que fora dito numa sessão e na seguinte, o que foi tendo um efeito integrador, levando-o a dar-se conta de que pode haver algo mais do que a superfície das coisas, pode haver um sentido que às vezes nos escapa.

Poder-se-ia perguntar o que leva um analista a se dispor a desbravar terreno tão árido. É que logo pude perceber, por trás da superficialidade e da arrogância, enorme pobreza e desamparo.

Houve um episódio, a meu ver significativo: - C. não teve filhos. Ele e M., sua segunda mulher, resolveram criar um sobrinho dele, um dos filhos do irmão que tem problemas cerebrais. Logo o menino começou a apresentar problemas de comportamento e finalmente fugiu de casa, voltando para a companhia da mãe biológica, apesar da extrema pobreza e falta de condições desta. Pudemos verificar o quanto C. se via nesse menino: não adiantava oferecer “coisas boas” que ele não tivesse condições de aproveitar. Um dia observei perplexa que seus olhos se encheram de lágrimas ao ter que reconhecer o fracasso de sua tentativa, que revelava que alguma coisa lhe faltava, não tinha como atender as necessidades da criança.

O encantamento por se sentir ouvido e compreendido foi ficando mais e mais evidente e o paciente foi se mostrando mais ligado. Jamais faltava ou se atrasava, e se tinha que viajar invariavelmente pedia uma substituição. Começava a ser a sua análise.

Outro aspecto que indicava as falhas de sua estruturação psíquica é que C. não demonstrava qualquer preocupação com dinheiro, saúde ou projetos de futuro, limitando-se a viver o momento, sem qualquer tipo de questionamento. O dinheiro ganho era gasto sem critério, ficando os cuidados por conta da mulher, o que representava uma repetição do modelo paterno, que ele racionalmente criticava.

Houve um período bastante difícil financeiramente, em que as aulas diminuíram e as despesas se acumularam, com muitas reclamações de M., que se queixava de estar carregando-o e se preocupando sozinha. Tudo isso o surpreendia muito, pois sempre houvera trabalho e, quando havia trabalho, ele trabalhava e ganhava dinheiro, não lhe ocorria que tivesse que buscar alguma coisa. Ao trazer esse problema para a análise, pude conversar com ele sobre sua forma imediatista de viver, evidenciando uma dissociação entre passado, presente e futuro. Como conseqüência, ele passou a trazer-me grande quantidade de gráficos e cálculos, sobre as pessoas que poderia procurar para obter trabalho, os lugares onde ir, etc. Tudo era exaustivamente discutido, como uma grande descoberta, e me soava muito estranho que aquele homem adulto tivesse dificuldades tão básicas e procurasse resolvê-las de uma forma tão inusitada.

Verificou-se situação semelhante por ocasião do seu Mestrado. C. não tem qualquer tipo de interesse acadêmico, pois se considera um professor que transmite a prática da profissão, não se dispondo a perder tempo com teoria. Mas para continuar dando aulas, em nível de pós-graduação, foi-lhe exigido o título de mestre. Submeteu-se a essa exigência com grande contrariedade, mas se recusava a estudar e procurava burlar de todas as formas. Houve uma matéria, Estatística, que lhe pareceu impossível aprender, e começou a fazer gráficos dos resultados possíveis para decorá-los. Por azar (ou sorte) esse artifício não surtiu efeito e ele teve que se empenhar em estudar verdadeiramente, pegando aulas particulares e pedindo ajuda. No dia em que finalmente conseguiu ser aprovado, telefonou me dizendo: - Queria te contar logo, porque é uma vitória nossa...

Desde a entrevista inicial o que mais me impressionou em C. foi a dificuldade de reconhecer necessidades afetivas: por muito tempo não se interessou por ninguém, nem teve qualquer tipo de envolvimento sexual. Sempre me disse que não sentia falta de afeto, mas aos poucos foi ficando claro o quanto esse era um terreno extremamente ameaçador para ele, no qual não sabia se movimentar e portanto o risco de rejeição era imenso. Esse assunto difícil só surge se for suscitado por mim na sessão, e ele aí se sente aliviado e como que autorizado a falar. Conta-me episódios da adolescência em que passava por barzinhos onde havia jovens de sua idade, levando um livro de inglês ou de alemão debaixo do braço, "para se mostrar", ao invés de tentar se aproximar de alguém; sempre a comunicação por meios transversos...

C. atualmente recebe os sobrinhos em casa com prazer e consegue manter contato, mais ou menos freqüente, com alguns companheiros de futebol de praia. Voltou a se relacionar com a ex-esposa, a quem ajuda, empresta dinheiro, carro, etc. Tem estranhos amigos, como um holandês também separado com quem toma a iniciativa de se encontrar às vezes para beber um chope, ficando ambos praticamente calados o tempo todo; ou o seu contador, com quem almoça uma vez por mês, tirando a sorte para ver quem paga a conta... Além disso tem um cachorro, do qual cuida e que lhe faz companhia. São talvez formas de relacionamento ainda incipientes, mas que permitem vislumbrar avanços futuros. A relação comigo já há muito não é mais sarcástica e superficial, tendo adquirido o colorido matizado que só se encontra numa conversa de verdade...

Ultimamente tem surgido o assunto de mulheres, e se evidencia a sua dificuldade e o seu pavor de ser rejeitado. Ao que tudo indica a sua forma de relação sexual sempre foi totalmente mecânica e sem afeto, o que começa a poder ser falado. Considera-se um primata, com necessidades básicas que não consegue elaborar e, portanto, sempre procurou evitar o contato com as pessoas. Admite que talvez gostasse de ter uma nova companheira, e se dá conta de que não gosta de ir ao cinema sábado a noite, porque tem muitos casais e ele se sente um peixe fora d'água.

Quando apresentei ao grupo o meu trabalho com C. houve muito questionamento quanto a ser ou não possível um tratamento psicanalítico para pacientes desse tipo, que funcionam num registro de pensamento operatório, se quisermos usar o referencial da escola francesa de psicossomática. Questionamentos em relação às suas próprias motivações não ocorrem a estes pacientes, que

seguem apenas vivendo o dia a dia, cumprindo tarefas, desviando-se de obstáculos, mas, se é que existe uma subjetividade conduzindo o processo, esta é extremamente rudimentar. As palavras são usadas, menos para expressar pensamentos ou emoções, e mais para apresentar um script, quase decorado, que na prática se verificou que funciona. Pacientes assim, com uma evidente falta de espaço psíquico que permita introspecção e elaboração, precisam, antes de mais nada, de um trabalho de síntese, de criação de uma unidade psíquica; só muito adiante tem lugar a análise propriamente dita, mas isso não quer dizer que não possa vir a ocorrer.

Muito beneficiou minha compreensão o pequeno artigo de Marion Milner sobre Autismo em Adultos (in: A Loucura Suprimida do Homem São), no qual ela se refere a um paciente com vida profissional razoavelmente bem sucedida e vida privada pobre. Este paciente falava interminavelmente sobre suas atividades na Bolsa de Valores; ganhava muito dinheiro, mas jamais fazia alguma coisa com o dinheiro que ganhava, apenas queria ter o dinheiro. “Crianças autistas se aferram a algum tipo de brinquedo difícil, para que o brinquedo fique entre elas e a relação com outras pessoas (e o terapeuta)” – assim eram os gráficos que C. me trazia, muitas vezes escritos em língua estrangeira, querendo indicar a excelência de suas soluções...

Milner refere que tais pacientes não admitem ajuda – o paciente só vinha à análise para preencher o tempo entre o trabalho e ir para casa – porque são incapazes de tolerar algo muito triste – uma mãe que tinha estado em depressão durante sua infância. Não há, assim, uma ligação primal com o seio, ficando uma parte autista clivada, atrofiando-se aos poucos, enquanto outros aspectos se desenvolvem...

Francês Tustin, em seu livro “Barreiras Autistas em Pacientes Neuróticos”, relata uma forma de autismo psicogênico, desencadeada por um tipo particular de depressão elementar, e que provoca a interrupção maciça do desenvolvimento emocional e cognitivo. O dano psíquico, ocorrido num estado elementar, relativamente não diferenciado, foi experimentado como dano físico, e deixou a criança como que em choque, danificada, fraca e impotente. A reação, para contra-atacar isto, foi desenvolver práticas que lhe dessem a ilusão de ser impenetrável, invulnerável e estar no controle absoluto. Embora pareçam passivas, essas crianças são pequenos tiranos. Em termos coloquiais, elas são “convencidas”. Necessitam de uma “contenção” firme mas compreensiva, um misto de compreensão e bom senso.

Também Janine Chasseguet-Smirgel, em seu sugestivo trabalho sobre Perversão, desenvolve aspectos que observei em C.: refere-se à analidade (o jogo...) como simulacro da genitalidade, esclarecendo que só uma parte da analidade é recalcada no perverso para que ele possa conviver em sociedade.

“É a ruptura das barreiras e freios que provoca o gozo do perverso. O perverso realiza a fantasia da negação dupla da diferença de sexos e das gerações. Trata-se de se situar fora de toda filiação, sendo seu próprio criador. A construção perversa substitui a gestação proveniente da relação sexual por uma neo-realidade fabricada...”

Efetivamente não se pode atribuir a C. uma perversão propriamente dita, até porque ele tem muita dificuldade de falar sobre sua sexualidade, embora admita atualmente que tem problemas nessa área. Talvez se possa falar em uma estruturação perversa da personalidade, pois o que se verifica é que toda e qualquer atividade criativa (geradora, em sentido amplo...) se processa de forma extravagante, excêntrica, como se fosse uma tentativa de pular fases e trâmites habituais, ou seja, como se precisasse se opor ao curso normal dos acontecimentos da vida. Foi assim com seus estudos de segundo grau, com o Vestibular, com sua forma de resolver problemas financeiros, com o seu Mestrado...E também em sua maneira de se relacionar socialmente, com alunos, com amigos, e em especial no contato com as mulheres, como tive oportunidade de perceber na transferência.

## Tensão entre a Subjetividade e a Objetividade no Método

Lindemberg Rocha \*

Tendo como certo que o intuito desse congresso é a troca de experiência e mais do que isso o debate acalorado de idéias nem sempre próximas, procurei dar o meu ponto de vista sobre questões que envolvem o tema, sem a pretensão de um estudo exaustivo e nem mesmo de originalidade que como bem disse Etchegoyen, freqüentemente não é mais que o esquecimento do já lido. Eu acrescentaria e também, do ainda não lido.

O que procurei, portanto foi reavivar questões sobre um assunto que tem sua presença assegurada desde os primeiros trabalhos de Freud. A questão do método.

Antes de qualquer controvérsia ouçamos as suas *“Recomendações, nelas ele diz,...as recomendações que faço ,alcancei-as por minha própria experiência ,após muitos anos e resultados pouco afortunados terem me levado a abandonar outros métodos e mais, quero tornar claro que esta técnica é a única apropriada a minha individualidade.*

Outras individualidades, outras técnicas,ou seja ,diversas formas de psicanalisar. Desde as mais conhecidas, Freudiana, Kleiniana, Lacaniana, etc, até as que nós praticamos, dependendo de nossas escolhas teóricas e do ponto a que chegamos de elaboração das teorias e principalmente dos nossos próprios conflitos.

Quando Freud usa a metáfora de Leonardo para as artes plásticas e aproxima o método psicanalítico da ” via di levare” da escultura em contraposição a técnica da sugestão e da pintura que usam a ‘ via di porre’, além da beleza da analogia ele como que estabelece o espectro de movimentação que ocorre na pratica clínica. O pólo ideal é o da escultura ,ou seja, aquele que permite o surgimento do sujeito pela retirada do excesso, do que não faz parte dele mesmo. Nós sabemos entretanto como é difícil suportar a primeira via e freqüentemente somos tentados a usar a ‘ via di porre’ chegando as vezes a inundar o analisando, seja de teorias que nos entusiasmaram em dado momento seja de conflitos pessoais não resolvidos. È neste movimento pendular entre “via di levare “ e ” via di porre “, que ocorre o surgimento maior ou menor da tensão que o método nos impõe.

Embora seja claro que cada um utiliza o método analítico á sua maneira, obviamente algo existe que permite que um colega reconheça que o trabalho do outro é o que se chama ‘psicanalisar’. Ou seja, o método que consiste na investigação do significado inconsciente das palavras, atos e produções imaginárias, lança mão de um recurso técnico – a livre associação de idéias.

A delimitação precisa do que seja método psicanalítico e do que seja técnica as vezes não fica claro mesmo nos escritos do próprio Freud. Talvez porque, toda vez que se trata de entender a fundo um problema técnico, se passa sem sentir para o terreno da teoria. È uma particularidade da Psicanálise que toda mudança de método implica em uma mudança da técnica, assim como uma mudança da técnica leva a mudanças no método como lembrou bem Etchegoyen.

Um ponto da técnica merece que nos detenhamos nele. A livre associação de idéias.

De onde surgiu?

Embora seja do conhecimento de todos, é bom recordar. Aliás, não é o que fazemos no dia a dia, um eterno recriar da teoria e da técnica a cada analisando que atendemos ? Por outro lado, como avaliar se uma nova técnica introduz algo de novo sem recorrermos a história, a origem ?

---

\*Membro da aPErj – Rio 4

A originalidade de “ A interpretação dos sonhos “, não está no fato de interpretar sonhos, prática tão antiga quanto a humanidade, mas na sua forma particular de dar sentido aos sonhos. No seu método inovador.

Assim sendo voltemos a história da psicanálise. Revoltando-se contra o autoritarismo da técnica da sugestão expresso na irritação do médico com o paciente, ” *você está se contra-sugestionando*”, Freud procura uma outra via. De início o método catártico de Breuer, que renunciou a idéia de induzir uma conduta no paciente e que utiliza a hipnose não para que o paciente esqueça, mas para que exponha os seus pensamentos. Entretanto esse método ainda lançava mão da hipnose .Ou seja o paciente hipnotizado,“dormindo” e o médico acordado. Além das limitações curativas do método, incomodava certamente a Freud a assimetria na relação médico-paciente. E, é claro, a sua confessada inabilidade como hipnotizador.

Chega assim ao método da livre associação tanto do paciente quanto do médico, ou seja, um diálogo singular entre duas pessoas que são igualmente donas de si.

Quero chamar a atenção aqui, para esse aspecto decisivo da evolução da técnica. Ou seja, o reconhecimento do diálogo entre iguais. Uma evolução presa a ética. Não mais a relação entre o senhor e o escravo, o saudável e o louco, o médico e o paciente.

Embora o diálogo se dê entre iguais, igual não é o lugar de cada um na relação.

Os princípios éticos surgem para impedir que a assimetria de lugares permita o abuso por parte do analista, o que seria não só um abuso, mas também um erro técnico. Assim, a ética é um constituinte indissolúvel da técnica.

Ao formular a norma fundamental, a regra da abstinência, o que Freud estabeleceu foram preceitos éticos imprescindíveis ao exercício da psicanálise. Como o instrumento básico de trabalho do psicanalista é seu inconsciente e sua forma de ser, a ética entra como princípio que permite lidar com as fraquezas e insuficiências de todos nós, pois somos todos seres desejantes. Um produzir incansável de desejos, tal qual o analisando.

O psicanalisar se constitui um trabalho, uma profissão na medida em que exige a contenção desejante do analista a favor do analisando. Por isso mesmo é que é pago. Somos pagos para conter a nossa produção desejante, desencadeada pelo analisando e transforma-la dentro de nós em algo comunicável para ele. Ou seja, temos o trabalho de formular o ainda informulado pelo cliente, dessa forma contribuindo para a expansão de seu conhecimento e de sua capacidade emocional. Capacidade emocional entendida como possibilidade de conter os próprios afetos, impulsos, etc e transformá-los em conhecimento a respeito de si e do mundo.

Enfim, o que o exercício da psicanálise exige é que amemos a virtude, não por amor a virtude, mas por amor a sabedoria.

Como não é possível ser virtuoso o tempo todo, precisamos de princípios limitadores de nossa ação. Princípios éticos.

Por outro lado o exercício de uma tarefa tão insalubre, torna esse trabalho exaustivo e emocionalmente perigoso. Em função disso, a instituição psicanalítica adquire tão grande importância para os analistas na medida em que funciona como ego auxiliar. Não só ego auxiliar, mas também como depositária do ainda não formulado, ou nas palavras de Bleger dos aspectos psicóticos de seus membros.

Com o acima exposto podemos entender que o “setting” é basicamente uma construção interna do analista, sendo o consultório com seu divã, etc, nada mais que um espaço confortável para o exercício do analisar.

Parece-me correto entender que o exercício de uma técnica que inclui princípios éticos tão claros, ou seja, a busca da verdade, o respeito pelo outro na sua diferença, a simetria no lidar com o analisando, a percepção de seu lugar de sujeito suposto saber e as regras técnicas-éticas que impedem o exercício do poder que daí pode surgir, etc. Pressupõe uma visão de mundo. Uma Weltanschauung. Ou pelo menos uma forma de estar no mundo. Isso apesar de Freud ter sempre negado essa característica à Psicanálise. Não se trata de uma ideologia política certamente, mais de uma visão de mundo que tem profunda repercussão na forma como nos relacionamos com os nossos próximos assim como na comunidade em que vivemos.

Falamos em diversas formas de psicanalisar. Diversas escolas. Inúmeras maneiras ,cada um com o seu jeito. Mesmo usando a mesma técnica e o mesmo método, os atores são sempre diferentes. Ora, a diversidade dessa prática, certamente deixa claro que seria vã a pretensão de ter ela o status de uma ciência, no sentido das ciências naturais, que tem como modelo a matemática. Podemos dizer que se trata de uma das chamadas ciências humanas. Não precisamos nos ofender com Popper, quando diz que a Psicanálise é uma pseudociência. Como ele mesmo diz, o que ocorre é que por suas peculiaridades a Psicanálise não tem como submeter seus postulados á observação e a experimentação. Não quer dizer que seja uma teoria falsa ou não verdadeira.

Mais importante que essa discussão, me parece que é determinar se é uma prática útil na diminuição do sofrimento humano e no alargamento do conhecimento que temos de nós próprios e do mundo que nos rodeia.

Se é útil, como se faz útil ?

È um dado empírico que as diversas escolas conseguem resultados clínicos semelhantes. O que elas tem em comum para produzir tal efeito ?

Em 1949, Levi-Strauss, examina com bastante perspicácia as semelhanças entre a cura xamanística e a cura psicanalítica. Método e técnicas semelhantes. O uso de mitos explicativos, o ritual e até a formação do xamã, se assemelha a formação analítica. Ou seja é necessário passar pela cura xamã para ser xamã, assim como é preciso ser analisado para ser analista. Não é necessário ser cardíaco para ser cardiologista ou parir para ser obstetra.

O xamã fornece á sua doente uma linguagem,os mitos,na qual se podem exprimir estados, sensações de outra forma informuláveis. O informulável é a doença do pensamento. É a passagem a esta expressão verbal que permite a doente viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência real que sem isso seria anárquica. É isso que cura.A eficácia simbólica. Não é outro o sentido dado por Lacan, quando fala na ascensão ao simbólico.

Diz Levi-Strauss: essa forma moderna de cura xamanística, que é a psicanálise, tira, pois,seus caracteres particulares do fato de que, na civilização mecânica, não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem.

Após receber a incumbência de apresentar o presente tema, a tensão entre objetividade e subjetividade no método, entendi que os propositores do tema quisessem abordar as tensões provocadas pelo que seria uma nova escola de psicanálise a dos – intersubjetivistas. E suas tensões ou distensões, exatamente não no método, mas na técnica. Mas obviamente, mudanças na técnica levarão a mudanças na teoria.

Ao ler diversos trabalhos dessa nova escola, ficou claro para mim que o embate se faz com o que seria a técnica clássica de psicanalisar descrita por Freud e sintetizada na metáfora do analista como espelho. Depoimentos demonstram que o próprio Freud não praticava tal técnica e mais, introduziu o conceito de contratransferência. Paula Heimann, em trabalho conhecido, alargou o conceito passando ele não só a se referir aos conflitos inconscientes despertados no analista pelo analisando, mas a tudo que o analisando desperta no analista.

Obviamente, essa conceituação alargada do sistema transferência-contratransferência, deixa claro que constitui-se ali, no momento da sessão um sistema psi que não é totalmente nem de um nem do outro dos participantes, mas uma sistema criado pelos dois.

È certo que o propósito dos intersubjetivistas é ampliar o campo de observação da pratica analítica e nesse sentido chegar a se aproximar mais daquilo que realmente ocorre na sessão. Nesse sentido é um propósito de maior objetividade. A questão é que aqui se lança mão da subjetividade. Uma maior objetividade através de uma maior subjetividade? Aparentemente um paradoxo.

Por outro lado me parece que o conceito alargado de contratransferência (Heimann ,1950-Racker,1951) abarca plenamente a emergência da subjetividade do analista. Além disso, o que se convencionou chamar de campo transferencial-contratransferencial engloba o terceiro analítico de Ogden. Sendo assim o que de novo eles propõem?

Entendi que é o uso explicito da subjetividade do analista enquanto recurso técnico de intervenção no dialogo analítico. Viria em nome de uma maior autenticidade no encontro. De uma maior simetria na relação. De uma maior veracidade.

Sabemos todos quão distante são as descrições clínicas daquilo que realmente ocorre no consultório. A começar por Freud. Sabemos que é um exercício difícil quanto ao estilo e freqüentemente penoso na medida do que revela do autor. Assim, estou certo que ninguém lê um relato clínico a não ser como algo metafórico. Algo que lembra alguns aspectos que foram considerados importantes pelo autor. Algo que se assemelha ao vivido.

Mas, a nossa ciência se constrói a cada dia numa íntima interação teórico-clínica.

Lendo alguns trabalhos que tratam do assunto, um me chamou a atenção por sua clareza e sinceridade no relato do primeiro encontro com uma cliente. Penso que pode ser útil no entendimento daquilo que aqui tratamos. Útil para pensar.

A seqüência de sentimentos e pensamentos que a cliente despertou no analista, não só pelo que falava, mas por sua própria aparência física que lembrava uma antiga namorada, são descritos com precisão.

De repente surge na mente do analista a imagem de uma caixinha onde se coloca lembranças antigas. Dirige-se então pela primeira vez a cliente dizendo que estava se perguntando sobre a relação que poderia ter com a imagem que viera a sua cabeça de uma caixinha onde se guarda coisas do passado.

A cliente aceitou com naturalidade a fala do analista que serviu de estímulo para também se lembrar de uma caixinha do passado. Muitas lembranças vieram inclusive a da morte do pai. E um choro convulsivo.

Antes de mais nada o que podemos dizer é que foi um feliz primeiro encontro. Mas, como se diz, no início tudo são flores.

Não seria esse procedimento uma indução do rumo da livre associação da cliente? O que nos garante que o terceiro analítico formado através da caixinha, não seria formado de outra forma e mais próximo do desejo inconsciente da cliente?

Não seria então uma forma atualizada de indução de uma catarse? Uma volta sofisticada na história das práticas terapêuticas? Da sugestão?

A pronta concordância não seria um desejo de realizar o desejo do analista atraído por uma nova teoria?

Sabemos bem as armadilhas que a subjetividade pode nos preparar. Um exemplo recente e público foi a gafe do Ministro da Justiça que no uso de sua subjetividade emprestou uma conotação sexual a um ato político-religioso. O caso da galinha preta lançada na frente da prefeita.

Mas, o processo psicanalítico como bem lembra Lacan, não é um esfrega-esfrega afetivo. Ou seja, é mais do que isso.

Lacan cita Melanie Klein tratando do pequeno Dick, apático, indiferente mesmo aos brinquedos. Não brinca, não fala. É obrigada então a abandonar toda técnica. Ela lança mão das idéias que se tem do que se passa nesse estado e quando ele pega um pouco o trenzinho - ela diz, *Dick pequeno trem, grande trem Papai-trem*. Não se trata de uma interpretação. Quando Dick se põe a brincar com o trenzinho diz a palavra *estação* e Melanie Klein retruca *-A estação é Mamãe. Dick entrar na Mamãe*. Nessa situação o que ela fez foi empurrar o simbólico para dentro do garoto. Porque entre outras coisas não se trata de uma neurose. Não há o que interpretar. Ou seja, conforme a situação, mas em todas as situações o que se pretende é que quem nos procura ascenda ao simbólico, ou, como dizia, Freud, tome consciência da estrutura edípica. Uma estrutura simbólica.

Estrutura que por sua autonomia permite Bion falar sobre o pensamento sem pensador. À Freud propor construções em análise e a Einstein dizer que seu lápis era mais inteligente do que ele. O mundo das produções da mente do homem ou mundo 3 de Popper.

## **Bibliografia**

1. Dun,J - Intersubjetividade em psicanálise; uma revisão crítica – Siny.J.Psyco-Anal.(1995) 76,4
2. Etchegoyen,H. - Fundamentos da Técnica Psicanalítica ,1987-Artes Medicas –Porto Alegre.
3. Eizerick,C. - Entre a objetividade ,asubjetividade e a intersubjetividade: ainda há lugar para a neutralidade analítica ? Ver.Brás.Psic.-Vol.34-no.4
4. Costa,Gley - Contratransferencia e intersubjetividade-Revista Brás.de Psic.-vol.34-2000.
5. Freud,S - O método psicanalítico de Freud 1904  
- Sobre a Psicoterapia –1905.  
- A dinâmica da Transferência.-1912  
Ed.Standard Brasileira das O.P.C.de S.FREUD.IMAGO  
EDITORA- Rio de Janeiro
6. Joseph,Betty - Concordância como obstáculo. Livro anual de Psicanálise (2002)
7. Katz,G.-A experiência interna do analista e a natureza da intersubjetividade - Ver.Brasileira de Psicanálise.
8. Lacan, J. - Os escritos técnicos de Freud.O seminário .Livro 1 –Zahar editores
9. Laplanche, J. , Pontalis,J .- Vocabulário da Psicanálise –1970 – Livraria Martins Fontes.
- 10.Levi-Strauss,C- Antropologia Estrutural .Tempo Brasileiro,Rio de Janeiro.
11. Marchon,P. - Para além da transferência e da contratransferência. Rev.Bras. Psic. Vol35,no.3
12. Popper,K – O conhecimento e o problema corpo-mente.Edições,70,Ltda.-1997.-Lisboa
13. Stolorow,R,Orange,D.,Atwood,G. – Horizontes do mundo da experiência: uma alternativa pós-cartesiana ao inconsciente freudiano.Ver.Brás.Psicanálise- Volume 35
14. Vollmer,Germano-A intersubjetividade em psicanálise. Evolução do conceito .Rev.Brás.Psic. Vol.34-no.4